

A COMUNICAÇÃO, O ENSAIO E A COMPREENSÃO COMO MÉTODO: VIVER E PENSAR SOB O SIGNO DA INCERTEZA

THE COMMUNICATION, THE ESSAY AND THE UNDERSTANDING AS A
METHOD: LIVING AND THINKING UNDER THE SIGN OF UNCERTAINTY

*LA COMUNICACIÓN, EL ENSAYO Y LA COMPRENSIÓN COMO MÉTODO:
VIVIR Y PENSAR SOBRE SEÑALES DE INCERTIDUMBRE*

36



Dimas A. Künsch

■ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), e docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

■ E-mail: dimas.kunsch@gmail.com.

RESUMO

Assumindo as promessas e limites do ensaio para uma mirada compreensiva sobre a Comunicação, o texto coloca esse gênero de escrita em conversa com a Comunicação em suas angústias teóricas e epistemológicas e em suas virtualidades práticas. A epistemologia que deriva da arte da compreensão dialoga por sua vez com a incerteza como categoria ontológica do pensar e do viver. O olhar compreensivo direciona os esforços por delinear os contornos da área de Comunicação para uma experiência cognitiva capaz de operar um conjunto de rupturas possíveis, para além da percepção ordinária da urgência da inter-, multi- e transdisciplinaridade.

PALAVRAS-CHAVE: COMUNICAÇÃO; COMPREENSÃO; EPISTEMOLOGIA; ENSAIO.

ABSTRACT

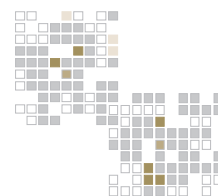
By assuming both the promises and limits of the essay for a comprehensive gaze upon the Communication, this text aims to establish a dialogue between such writing form and Communication in its theoretical and epistemological anxieties, as well as its practical virtualities. The comprehensive epistemology is constantly conversing with uncertainty as an ontological category for thinking and living. The comprehensive gaze guides the efforts for delineating the outline of the Communication field towards a cognitive experience capable of operating a set of possible disruptions beyond the ordinary perception of the urgency of inter-, multi- and transdisciplinarity.

KEYWORDS: COMMUNICATION. COMPREHENSION. EPISTEMOLOGY. ESSAY.

RESUMEN

Al asumir las promesas y los límites del ensayo para una mirada comprensiva sobre la Comunicación, el texto pone el género de escritura en diálogo con la Comunicación en sus angustias teóricas y epistemológicas y sus virtualidades prácticas. La epistemología derivada del arte de la comprensión dialoga a su vez con la incertidumbre como categoría ontológica del pensar y del vivir. La mirada comprensiva guía los esfuerzos por delinear los contornos del área de la Comunicación para una experiencia cognitiva capaz de operar un conjunto de rupturas posibles, más allá de la percepción ordinaria de la urgencia de la inter-, multi- y transdisciplinaridad.

PALABRAS CLAVE: COMUNICACIÓN. EPISTEMOLOGÍA. COMPRENSIÓN. ENSAYO.



1. Introdução

Para se começar de algum lugar esta conversa que, no melhor estilo do ensaio mais que por um propósito se sente atraída pela pretensão menos exigente de um despropósito (Adorno, 1986, p.168), pergunto, preocupado, se alguma vez já pensamos em quanto tempo, raciocínio e palavras, dinheiro e emoções temos investido, movidos pela mais nobre das intenções, para tentar delimitar, traçar o perfil, recortar, diferenciar, conceituar e definir o objeto da Comunicação e os contornos, limites e virtualidades dessa área de conhecimento.

Uma disciplina científica que se preze – argumenta-se – precisa saber definir seu objeto e as questões de que cuida, apresentar um *corpus* teórico próprio e consistente, responder sem maiores rodeios à questão de seu estatuto epistemológico, enfim, conhecer e dar conta do campo em que joga seu jogo, com autonomia. Ora, se bem situados em sua tradição intelectual, às vezes tão pesada e forte quanto assustadora, os termos dessa equação, como “disciplina”, “científico”, “objeto” e “epistemologia”, não se podem dizer inocentes: apontam para modos e dinâmicas mais ou menos determinados no trato com a coisa.

Mas é o que se repete a todo instante, se escreve, escuta e lê. E assim, inspirados por essas ideias, embora sempre muito ocupados e vez ou outra cansados e com olheiras como efeito da eterna busca por definições teóricas e epistemológicas – sem nunca esquecer as demandas e pressões por produção científica, quase um operador de loucura no caso de docentes dos programas de pós-graduação –, até nos sentimos, por outro lado e na medida do possível, confortáveis e tranquilos, porque entendemos que estamos andando no caminho certo, nesse reino no entanto “cada vez mais estreito” de “Scientiápolis” (Santos, 1989, p.13).

De algum modo, porém, tenhamos talvez nos transformado com isso em personagens de uma

situação, tão ridícula quanto impensável, parecida com a de jogadores de futebol que, ao invés de jogar, resolvessem gastar os 90 minutos de partida mais os 15 de intervalo para avaliar e definir cada detalhe do campo, da qualidade da grama à da tinta branca das linhas demarcatórias, das exatas medidas das traves à do material de que eram feitas as redes.

Ou, ainda, nos parecemos às vezes com os cegos da parábola de Buda (Campbell, 1992, p.19), convidados a examinar por alguns instantes um elefante para dizer o que ele é. Tendo cada um se firmado depois em sua posição sem arredar o pé, com base na parte do animal que tocara, a confusão se instaurou, tamanha e tão virulenta que descambou para a briga e a violência física. “São cegos, sem olhos”, conclui o Iluminado: “Discutem e brigam, combatem e atacam-se uns aos outros com os punhais de suas línguas, dizendo ‘isto é certo e isto é errado’; ‘isto é errado e isto é certo’”.

A crítica, contundente e provavelmente injusta em muitos de seus aspectos, não descredencia, no entanto, a sensação¹ de que algo estranho esteja acontecendo na área, insinuando-se cada vez mais abrangente com o passar do tempo, na mesma medida em que aumenta o número de cursos de graduação e de pós-graduação na área, com seus docentes e pesquisadores, seus livros e periódicos científicos.

Teria o peso do pensamento hierárquico, reducionista e simplificador (Morin, 2015), que nos acossa e atinge nossas entranhas a partir do modelo consagrado de ciência com o qual temos o tempo todo a ver, ganhado alguns quilos a mais em musculatura na Comunicação, onde, diferen-

1 Mantenho aqui a referência obrigatória à experiência como o locus do qual, desde o pai do ensaio moderno, Michel de Montaigne (1533-1592), se origina a conversa que caracteriza esse gênero de escrita. “No caso do tratado” – o termo que Vilém Flusser utiliza para texto acadêmico – “pensarei meu assunto e discutirei com os meus outros. No caso do ensaio, viverei meu assunto e dialogarei com os meus outros. No primeiro caso, procurarei explicar meu assunto. No segundo, procurarei implicar-me nele” (Flusser, 1998, p.95).



temente de outras áreas de conhecimento, nos revelamos possivelmente mais preocupados em definir o que é um elefante, em conceituar, recorrer..., em pôr cercas, atentos à importância do modelo disciplinar e disciplinado de ciência?

Falando em geral, Morin (2011, p.84) acredita que, quando se trata de compreensão, em seu sentido intelectual-objetivo e também intersubjetivo, o mundo por onde circulam intelectuais, escritores e universitários seja “o mais gangrenado sob o efeito da hipertrofia do ego, nutrido pela necessidade de consagração e de glória”. Numa visão diferente, mas tendo ouvido atentamente à crítica, talvez devêssemos de fato reconhecer que nos sentimos cada um a seu modo movidos pelo mais puro desejo de afirmar o que a coisa é – a partir, entretanto, da parte do elefante em que cada um de nós toca, com as consequências que daí derivam.

Seríamos porventura sábios loucos, tendo em nosso encaicho, qual Sócrates redivivo, o idiota a nos convencer que nossa sabedoria é vã, como sugere Nicolau de Cusa em sua teoria da *douta ignorantia* (apud Santos, 2008, p.25-7)?

2. O drama da definição do objeto e das teorias da Comunicação

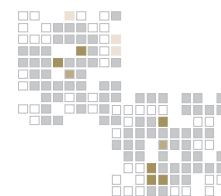
Seria o caso de continuarmos perguntando, perseguindo a perspectiva do despropósito de que se se vê revestido o gênero do ensaio – que começa onde quer, “diz o que lhe ocorre, termina onde ele mesmo acha que acabou e não onde nada mais resta a dizer” (Adorno, 1986, p.168) –, se no reino encantado de Scientiápolis, onde se compartilha a crença comum, verdadeira religião, de que “Scientia vinces” (divisa da Universidade de São Paulo, a USP), alguma outra área de conhecimento possui tantas e tão diversas teorias para tentar falar de si mesma e de seu objeto.

Tratar-se-ia, no caso da Comunicação, de uma espécie de culto solipsista ou – quem sabe? – de afirmação por contraste das fragilidades da área,

entre outras razões porque, na esteira de uma longa e bem servida tradição positivista, tenhamos nos acostumado demais a nos comparar e a vivenciar nossas utopias com base na visão onírica de “modelos exemplares” de ciência? De verdades avassaladoras? De conceitos e definições assentados na mais luminosa e irretorquível força do argumento? De certezas e pontos finais?

Em que ponto dessa história, trágica para a Comunicação e a sociedade, teríamos nos desviado do propósito de cuidar de nossas responsabilidades políticas, sociais e cidadãs, no cultivo de nossas relações humanas e intelectuais “com as demais práticas de conhecimento de que se tecem a sociedade e o mundo” (Santos, 1989, p.16)? Talvez porque, nesse desvio, tenhamos há muito almejado atingir o pináculo do templo de um modelo de ciência que vem sendo instado a romper com as distintas rupturas que fez (Santos, 1989), porque isso a levou, como saber legitimado, mutilado e mutilador (Morin, 2015), a assumir as feições de um verdadeiro “pensamento ortopédico” (Santos, 2008), que nada enxerga para além dos muros que erigiu ao redor de si mesma?

Em que encruzilhada dessa trajetória em busca de alguma identidade possível, sempre frágil, incerta e em movimento, teríamos desistido, se assim podemos dizer, do apelo que nos vem do coração das ciências humanas e sociais a tecer a crítica da ciência como ela se propaga e imagina, para o bom entendimento da ciência como ela de fato se faz (Latour, 2011)? Ou a crítica do método enrijecido, dogmatizado e da razão tirânica (Feyerabend, 2011), em defesa da mais virtuosa pluralidade de caminhos que a própria palavra método originalmente evoca, em favor de múltiplas perspectivas, compreensivas, atendendo à observação generosa do próprio “pai do racionalismo moderno”, René Descartes, que em seu *Discurso do método* pede compreensão para o fato de estar contando a história dos caminhos que fez, a sua história, tão parecida com “uma fábula”, ele



diz mais adiante, para que a julgemos e digamos o que dela pensamos, e, ainda, para que cada um se disponha a contar sua própria história (Descartes, 1996, p.7)?

Tantas teorias para tentar dizer o que a Comunicação é e faz, retomando o assunto de linhas atrás, que, quando colocadas umas de frente para as outras, não sabem conversar entre si, como no caso dos cegos da parábola budista. Ou talvez, assumindo a nossa própria sombra, no sentido junguiano do termo (Zweig; Abrams, 1994), porque não sabemos nós fazê-las conversarem entre si, preocupados como estamos – simultaneamente, esquecendo-nos do estatuto provisório e fragmentário de toda teoria e confundindo mapa com território – em afirmar o valor de umas contra outras, elevando nossa(s) teoria(s) preferida(s) ao Olimpo divino, transformando-as em doutrinas, quando não em dogmas. Teorias arregimentadas como válidas e importantes pelo autor de um livro sobre o tema da Comunicação não o são para o autor de um outro livro: um cita umas, outro, outras (Martino, 2006, 2007; Künsch, 2012), enquanto, nas salas de aulas dos cursos que ainda mantêm em suas estruturas curriculares a disciplina Teorias da Comunicação, alunos sonolentos costumam se perguntar “Teorias da Comunicação, afinal, para quê?”

Teorias da Comunicação que não se comunicam: eis aí o paradoxo que geramos. Que não se fertilizam, no melhor entendimento do que teorias são ou representam: uma narrativa, mais ou menos pertinente, sobre um recorte do fenômeno que se está pretendendo elucidar, descrever, iluminar. Esse problema, onde ele se manifesta, atinge o campo da Comunicação de forma visceral.

O desconsolo pode ir além, e por motivos diversos, contrastantes. Lançando um olhar sobre as décadas de 1970 e 1980, Charles R. Berger (2007), ainda em 1991, avaliava que são muito poucas as teorias da Comunicação, enquanto seu colega Robert

T. Craig (2007) se perguntava, dois anos depois, “Por que existem tantas teorias da Comunicação?”, o que leva o organizador da obra a levantar “Uma questão prévia: existem teorias da Comunicação?” (Martino, 2007).

E o que pode ser considerado, sem desrespeito aos parceiros de viagem, uma confusão mais ou menos generalizada, no salão de baile das teorias, se repete, em maior ou menor grau, lá onde a discussão pela definição do que é um elefante se volta mais diretamente para os temas do objeto e do conceito de Comunicação.

Assim, do “inevitável indeterminismo do objeto da Comunicação”, na visão de Lucrécia D’Alessio Ferrara (2013, p.11), chegamos a uma posição, só a modo de exemplo, como a de Venício A. de Lima que, observando “um número tão grande de alternativas na definição do objeto de estudo e com um universo teórico de tal forma desarticulado e conflituoso” (2004, p.19), distingue entre comunicação *lato* e *stricto sensu* para ver nesta última, ou seja, a que se distingue “pelo uso de tecnologias específicas e pelo surgimento de instituições”, em outras palavras, “aquela a que se convencionou chamar meios de *comunicação de massa (mass media)* ou *mídia*”, o objeto próprio da Comunicação (Lima, 2004, p.23. Grifos do autor). Desnecessário perguntar para onde nos leva essa acepção de Comunicação em tempos como o nosso, em que se anunciam os louvores de uma comunicação pós-massiva.

A ação de distinguir, tão útil nas lides acadêmicas, assume aqui e em outros autores algo assim como um atestado de honra ao mérito conferido ao pensamento disjuntivo, não complexo, não compreensivo. Por que a experiência da comunicação no sentido *lato* não poderia conversar com a do *stricto*? Uma e outra não se deixariam entender melhor em sua relação recíproca?

Os mais argutos irão argumentar, não sem alguma razão, que se está tendo um entendimento raso da opção feita por Lima, o qual se ocupa



em muitas linhas de texto e em mais de um texto com as justificativas de suas escolhas. Mas dificilmente conseguirão livrar a coisa do mal-estar que opções dessa natureza provocam, pelo menos para um tipo de visão compreensiva do conhecimento e do agir comunicacional, uma visão que junta, une, tece e entretece, põe para conversar umas coisas com as outras, sem abdicar do enfrentamento de conflitos, mas também sem ceder ao delírio da verdade acachapante, do argumento derradeiro, da palavra final – uma visão complexa (Morin, 2011, 2015). Criam-se propriamente dualismos onde o bom senso da "douta ignorância" (Nicolau de Cusa) estaria nos desafiando talvez a cultivar a generosidade do pensamento dual, que assume com certa leveza de espírito os princípios da incerteza, tanto no nível da argumentação lógica quando no das práticas, e da complementaridade dos opostos.

"O importante não é encontrar respostas, mas inventar, construir perguntas", escreve em outro trecho Ferrara (2013, p.13), justificando sua opção teórica antes referida. Dando razão à ideia de que respostas representam ordinariamente o assassinato das perguntas e o fim ora inconsciente ora autoritário das buscas, a autora presta um tributo à incerteza e ao diálogo quando considera que as respostas "tendem ao dogmático que acaba por se transformar em crenças ou paradigmas teóricos que se repetem com insistência". A pergunta e, mais ainda, o saber perguntar, por sua vez, "devolvem ao objeto as fronteiras da sua indeterminação e fazem do exercício epistemológico uma atividade constante e ininterrupta" (Ferrara, 2013, p.13).

Os livros de Comunicação, à deriva, mostram em geral que estão mais preocupados, com um vigor que beira o de um missionário, em definir e conceituar, em responder e fechar, contrariando, quando assim o fazem, a ideia de um diálogo nunca acabado com um objeto de tipo lábil. Não deixa de ser sintomático o fato de que o primeiro capítulo do mesmo livro cujo prefácio Ferrara es-

creve, um livro que se ocupa com *Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação* (Braga et al., 2013), manifeste já em seu título a preocupação com a definição de fronteiras, ao se perguntar "O que é especificamente comunicacional nos estudos brasileiros de comunicação da atualidade?" (Signates, 2013).

3. Ensaio, compreensão e comunicação

Indo em frente com o método de perguntar mais que responder, preferindo, onde não nos trai a inconsciência, a noção ao conceito e a leveza de um *talvez* à imponência ou arrogância de um *portanto*, e retomando algumas ideias aqui e ali já ventiladas sobre esse assunto específico, poderíamos a esta altura interrogar que tipo de percepção, modelo ou, para dizê-lo de modo mais exigente, paradigma de ciência subjaz ao movimento epistemológico em torno da Comunicação, em sua busca frenética pela definição de seu objeto e em seu desejo de afirmar ontologicamente, ou quase isso, o Ser de seu campo científico, de sua epistemologia e de suas teorias.

Numa envergadura ainda mais ampla, e por isso mesmo mais compreensiva, mirando o mundo e a vida para além de Scientiápolis, a pergunta poderia perscrutar os modos como o saber comunicacional, incluindo mas não se restringindo ao seu arsenal científico, se relaciona, dialoga e se deixa fecundar por outros saberes e narrativas, sistemáticos e não sistemáticos, racionais e também não racionais, disciplinares e não disciplinares, como podem ser os conhecimentos advindos das experiências cotidianas, dos saberes comuns, das múltiplas formas de arte e de filosofia, das narrativas míticas e também religiosas.

Aliás, a "dupla ruptura epistemológica" a que Santos (1989, p.41) se refere na relação entre ciência e senso comum – "Uma vez feita a ruptura epistemológica com o senso comum, o ato epistemológico mais importante é a ruptura com a ruptura epistemológica" –, se se quiser levar bem



a sério a urgência de se romper mais amplamente com o que esse autor chama de “pensamento ortopédico” (2008, p.15), dever-se-ia por justiça ousar romper também com outras tantas rupturas para, ainda com Santos (1989, p.16), e de novo, “aprofundar o diálogo dessa prática [a prática científica] com as demais práticas de conhecimento de que se tecem a sociedade e o mundo”.

Quando menciona um de seus objetos hoje preferidos de estudo, a que dá o nome de “epistemologias do Sul”, Santos (2008) deixa transparente seu pensamento sobre o que considera a mais importante das rupturas a ser feita, com urgência, a saber, a do “fascismo epistemológico” que, no Norte do Norte como no Norte do Sul, em sua visão, arregimenta os exércitos dos que Maffesoli chama de “bem-pensantes” em torno da luta aguerrida pela legitimação e defesa epistemológica de um modelo de ciência que seacha a “única forma de conhecimento válido” (Santos, 1989, p.34).

Movemo-nos, como se percebe, tanto no caso da primeira quanto mais ainda noda segunda questão, no terreno pantanoso da especulação, que, aliás, o ensaio permite e provoca, uma vez que, “naquilo que é enfaticamente ensaio, o pensamento se libera da ideia tradicional de verdade” (Adorno, 1986, p.175).

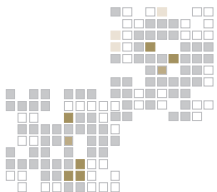
Pode-se no entanto pensar, com Santos (1989, 2008), Maffesoli (1995, 2007), Muniz Sodré (2006) e outros, sobre a base do que tem sido dito até aqui, que alguns dos indicadores mais salientes do pensamento científico-filosófico alemão do tempo em que “O ensaio como forma” foi publicado (1958), e que geravam na época, como denuncia Adorno (1986), descrédito, preconceito e mesmo ódio contra esse gênero de escrita, tenham sobrevivido ao tempo e continuem a ditar as regras básicas no universo da produção de conhecimentos em Comunicação, começando, por exemplo, pelo erro que o modelo de ciência em que a Comunicação se apoia faz ao equiparar “conhecimento e ciência organizada” (Adorno, 1986, p.167).

Além dessa primeira e muito nociva confusão – que vem associada à falsa ideia, linhas antes avançada, de que o conhecimento científico, para além de sua nobreza, é o único válido e legítimo –, Adorno chama a atenção para uma série de outras perversões do pensamento científico-filosófico então dominante, que, em sua visão, acabavam por provocar um efeito contrário, representando um péssimo serviço à ciência cujo valor e dignidade se pretendia defender. Critica o apego a ideias de tipo universal, o “fetichê” das definições, a pretensa “asepsia” de suas construções lógico-argumentativas, a camisa-de-força do método.

Adorno entende que “o ensaio desafia suavemente o ideal da percepção clara e distinta e também o da certeza livre de dúvida”, devendo nesse sentido em seu conjunto ser “interpretado como um protesto contra as quatro regras que o *Discours de la méthode* erige no início da moderna ciência ocidental e de sua teoria” (Adorno, 1986, p.177). Vê no reducionismo desse modelo de pensamento, no determinismo em que se (a) funda, no dogmatismo e na arrogância com que se traja, bem como no gosto pela hierarquia, um compromisso por demais suspeito com a ordem estabelecida, o autoritarismo, a violência e a repressão.

Longe de confundir a “ordem das ideias” com a “ordem das coisas”, de brandir a espada em defesa do estatuto da certeza e da verdade, a “experiência espiritual” do ensaio “pensa aos solavancos e aos pedaços, assim como a realidade é descontínua; encontra a sua unidade através de rupturas e não à medida que as escamoteia”. Porque “a unanimidade da ordem lógica engana quanto à essência antagônica daquilo que ela recobre”, e, por isso, “a descontinuidade é essencial ao ensaio; seu assunto é sempre um conflito suspenso” (Adorno, 1986, p.180).

Semelhantes percepções, quando trazidas na atualidade à discussão por Maffesoli, cujo lugar de fala é o de uma sociologia que se anuncia como compreensiva, reforçam a necessidade



de se dar hoje ao ensaio “suas cartas de nobreza, as de um verdadeiro estatuto intelectual”. Porque o ensaio sociológico está “o mais próximo possível de seu objeto, o mais próximo possível de uma vida social que não é senão uma sucessão de ‘ensaaios’ infinitos, não se concluindo jamais” (Maffesoli, 1995, p.12-3).

O pesquisador social é incitado pelo autor a “nadar contra a corrente” do pensamento moderno, para explorar “a órbita do não-racional ou do não-lógico”, sempre mantendo a consciência de que não existem “respostas prontas” e de que mais vale “aprender a colocar os problemas do que lhes dar soluções” (Maffesoli, 1995, p.12). Haverá, no entanto, “sempre pedantes e ‘mestres-escolas’ que, a esse respeito, têm na ponta da língua a infamante acusação de ‘ensaísmo’” (Maffesoli, 2007, p.42).

Numa direção semelhante aponta Morin quando diz que todo sociólogo “é parcialmente um cientista, parcialmente um ensaísta”, devendo “assumir plenamente a qualidade e a insuficiência que o termo ‘ensaísta’ contém: ele não pode senão tentar atingir um conhecimento pertinente, e deve tentá-lo correndo os seus riscos intelectuais” (Morin, 1998:13-4). Diferentemente da “sociologia científica”, herdeira do modelo mecanicista e determinista da física do final do século XIX, a “sociologia ensaísta” possui a marca da autoria, concebe a sociedade como “um campo onde se encontram atores, (...) tenta relacionar o objeto estudado com o seu ambiente e, bem entendido, com um conjunto de problemas globais fundamentais” (Morin, 1998, p.19-0).

Onde advoga em prol do pensamento da complexidade e critica a hiperespecialização do conhecimento, Morin concorda com Michel de Montaigne que, em um de seus mais famosos ensaios, “Sobre a experiência”, se posiciona contra o que chama de “picotamento” do saber, e lembra um provérbio de Sêneca: “*Confusum est quidquid usque in pulverem sectum est* [Tudo o que é reduzido a pó torna-se confuso]” (Mon-

taigne, 2010, p.2012). “De um assunto fazemos mil: e multiplicando e subdividindo caímos na infinidade dos átomos de Epicuro”, reclama Montaigne (Idem, p.513).

Linhas adiante, o pai do ensaio moderno acena também para a “marca de autoria” a que se refere Morin como característica de uma sociologia ensaística, ou compreensiva como ele também a denomina. Reclama de novo: “Há mais trabalho em interpretar as interpretações do que em interpretar as coisas, e mais livros sobre os livros do que sobre outro assunto”. Estamos o tempo todo glosando uns aos outros: “Tudo fervilha de comentários, mas de autores há grande escassez” (Idem, p.515).

Não se deve negar a beleza do estilo acadêmico, “que é a beleza do rigor, que não é necessariamente um *rigor mortis*”, escreve Vilém Flusser (1998, p.94), num texto em que expõe as razões teóricas e existenciais por que se decidiu pela escrita ensaística. O texto acadêmico objetiva explicar um assunto – configurando-se naquilo que tenho vindo chamando de Signo da Explicação, não certamente toda e qualquer explicação, mas a compulsão explicativa, como se a vida e o mundo estivessem aí à mercê da falsa crença de que tudo se possa explicar. Já no caso do ensaio, voltando com Flusser, procuro implicar-me no assunto (Idem, p.95).

Em sua “autobiografia filosófica”, *Bodenlos*, o autor tcheco-brasileiro descreve o momento em que decidiu se tornar, “disciplinada e entusiasticamente”, um “ensaísta brasileiro”, e tece essa relação entre ensaio e vida, ensaio e realidade, ensaio e vida social, que aparece também em Maffesoli e em Morin. Flusser (2007, p.83) se considera uma pessoa para quem “a própria vida é ensaio para escrever ensaios”.

4. Viver e pensar na e com a incerteza

Desistindo-se da intenção de transformar a Comunicação numa espécie de metaconhecimento, talvez se possa compreensivamente ima-



ginar entre os seus maisnobres atributos, rompendo com as falsas certezas do cientificismo, o de agir comunicativamente, compreensivamente, como mediadora entre distintas formas de conhecimento, visões de mundo e práticas sociais. Fugindo ao risco nada improvável da dogmatização, a experiência espiritual que uma Comunicação compreensiva sugere e evoca me parece em condições privilegiadas de apostar na mediação entre disciplinas científicas, conhecimentos e saberes diversos, como forma de religar o conhecimento à vida, insistindo no rigor mas sem desleixar do vigor que a vida, complexa, também reclama e exige.

Melhor forma talvez não haja de garantir a todo um patrimônio de conhecimentos, de questões, dúvidas, teorias e métodos, na e fora da área de Comunicação, o respeito que esse patrimônio merece. De retomar com ousadia a ideia de que conceitos, explicações, artigos científicos, teorias as mais diversas (incluindo o positivismo, o funcionalismo e outras, comumente execradas); o *verstehen* (compreender) e o *erklären* (explicar) de Dilthey, Max Weber e outros, no terreno das *Geisteswissenschaften* (ciências do espírito, literalmente); o rigor e o vigor; a necessidade de traçar limites e de definir os termos no campo da Comunicação, sem detrimento dessa outra necessidade, de abrir, ampliar, construir pontes e porteiros nesse mesmo campo, que tudo isso possa ensaiar o gesto humano e intelectual da compreensão.

Mantendo tão firme quanto possível o propósito de não se renunciar ao debate, compactuar com o erro ou ceder aos apelos e artimanhas dos poderes e das ideologias de plantão, é provável que as teorias da Comunicação possam se colocar numa grande roda de conversas para que cada uma, de dentro de seus contextos específicos, possa dizer a que veio. Assim, exemplificando, é provável que possamos ouvir com atenção McLuhan dizer que o meio é a mensagem, sem

pensar que isso represente um ponto final na discussão. É provável que as epistemologias do Norte e as do Sul possam se sentar no banco da praça da Comunicação para tentarem se entender, umas aprendendo das outras, umas oferecendo às outras o que possuem de melhor, e corrigindo também seus próprios erros e limites. É provável que possamos concordar com Jesús-Martín Barbero quando ele nos convoca a focar a atenção nas mediações, sem desprezar o lugar social e político dos meios. É provável, ainda, para ficarmos por aqui numa lista que seria enorme, que a América Latina se proponha e se imponha como parceira digna nesse diálogo de iguais na área de Comunicação, sem hierarquias.

No campo do social, da política e da cidadania, é provável que, assumindo o saber da incerteza (Morin, 2011), tenhamos uma chance a mais de negociar com as forças em conflito, os desentendimentos e o ódio que tão fortemente nos atingem no cotidiano de nossas vidas, em sociedades tão desiguais e assimétricas como as nossas e em tempos de muitas redes e conexões, mas de relações frágeis entre as pessoas, os grupos e as organizações.

“A compreensão não desculpa nem acusa”, afirma Morin (2011, p.86-7). Ela “pede que se evite a condenação peremptória, irremediável, como se nós mesmos nunca tivéssemos conhecido a fraqueza nem cometido erros”. Quando deixamos a compreensão ocupar o lugar da condenação, colocamo-nos “no caminho da humanização das relações humanas”².

2 Num dos ensaios da obra *Compreender: formação, exílio e totalitarismo*, “Compreensão e política (As dificuldades da compreensão)”, Hannah Arendt (2008, p.330-346) insiste nessa ideia de que compreender não é o mesmo que compactuar com o mal (com a “banalidade do mal”) ou perdoar. Difícil, inacabável e sem garantias, saber, no entanto, compreender o mundo em que se vive como a nossa casa, incluindo nessa compreensão o próprio mal, é o que nos torna de fato humanos. É o pressuposto para uma luta contra toda forma de tirania.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: COHN, Gabriel (Org.). *Theodor W. Adorno*. São Paulo: Ática, 1986, p.167-187.
- ARENDE, Hannah. *Compreender: formação, exílio e totalitarismo*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2008.
- BERGER, Charles R. Por que existem tão poucas teorias da Comunicação? In: MARTINO, Luiz C. (Org.). *Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?* Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007, p.43-79.
- BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antonio; GOMES, Pedro Gilberto (Orgs.). *Dez perguntas para a produção de conhecimento em Comunicação*. Porto Alegre: Editora Unisinos, 2013.
- CAMPBELL, Joseph. *As máscaras de Deus: mitologia primitiva*. São Paulo: Palas- Athena, 1992.
- CRAIG, Robert T. Por que existem tantas teorias da Comunicação? In: MARTINO, Luiz C. (Org.). *Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?* Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007, p.81-98.
- DESCARTES, René. *Discurso do método*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Prefácio. In: BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antonio; GOMES, Pedro Gilberto (Orgs.). *Dez perguntas para a produção de conhecimento em Comunicação*. Porto Alegre: Editora Unisinos, 2013, p.11-17.
- FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- FLUSSER, Vilém. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007.
- FLUSSER, Vilém. Ensaio. In: FLUSSER, Vilém. *Ficções filosóficas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p.93-97.
- KÜNSCH, Dimas A. Do conceito de um Deus perfeito e único a teorias que não dialogam: comunicação, epistemologia e compreensão. In: CHIACHIRI FILHO, Antônio Roberto; BUITONI, Dulcília Helena S. (Orgs.). *Comunicação, cultura de rede e jornalismo*. São Paulo: Almedina, 2012, p.91-105.
- LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros mundo afora*. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- LIMA, Venício A. de. *Mídia: teoria e política*. 2ª ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva*. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- MARTINO, Luiz C. Teorias da comunicação: o estado da arte no universo de línguaspanhola. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2006. Universidade de Brasília (UNB), 4 a 9 de setembro de 2006.
- MARTINO, Luiz C. Uma questão prévia: existem teorias da Comunicação? In:
- MARTINO, Luiz C. (Org.). *Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?* Cotia, SP:Ateliê Editorial, 2007, p.13-42.
- MONTAIGNE, Michel de. *Os ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- MORIN, Edgar. *Sociologia: a sociologia do microsossial ao macroplano*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1998.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2ª ed. São Paulo:Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2011.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 5ª ed. Porto Alegre:Sulina, 2015.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra. v. 80, p.11-43, março 2008. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/A_filosofia_a_venda_RCCS80_Marco2008.pdf> . Acesso em: 25 mai. 2018.
- SIGNATES, Luiz. O que é especificamente comunicacional nos estudos brasileiros de comunicação da atualidade? In: BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antonio; GOMES, Pedro Gilberto (orgs.). *Dez perguntas para a produção de conhecimento em Comunicação*. Porto Alegre: Editora Unisinos, 2013, p.19-29.
- SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah (orgs.). *Ao encontro da sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1994.

Recebimento: 28/05/18
Aprovação: 26/06/18

